



## A SINFONIA DOS CACTOS E DO VENTO

por Ryuta Imafuku<sup>1</sup>

### Resumo:

"Fazer um comentário" sobre o álbum do Calexico seria um modo muito distante da maneira que a própria música do Calexico se apresenta. Se a música do Calexico tem um caráter bem improvisador, seriam necessários ritmo e vibrações de palavras que consoassem com a sua música. Então, aqui o meu propósito é de escrever Calexicamente, ou seja, tento narrar sobre a música, o instrumento, o estilo de sensibilidade, Arizona e a fronteira de um modo incidental, anedótico, fragmentado, eclético e minimalista.

**Palavras-Chave:** Calexico; Improvisação; Música; Incidental; Minimalista

### Abstract:

To construct a 'brief record' about the Calexico Album would be a very distant method from the way that the Calexico music shows itself. If the Calexico music has a very improvisatorial characteristic, would be necessary rhythm and vibration of words in harmony with their music. So, in this place, my purpose is to write Calexically, which means that I try to narrate about music, instrument, sensitivity fashion, Arizona and the border in a incidental, anecdotic, fragmented, eclectic and minimalist way.

**Keywords:** Calexico; Minimalist; Ecletic; Music; Incidental;

*""Senhor...se não restam mais humanos, que ao menos restem robôs-Ao menos a sombra do homem!""*

Karel Capel, R.U.R. (Rossum's Universal Robots), 1920

<sup>1</sup> Ryuta Imafuku é professor da Sapporo University e membro do Conselho Científico Consultivo da Revista Ghrebh-. Ministrou curso como professor convidado do Cisc e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC, "A Gramática do Cotidiano", entre abril e maio de 2003.





Uma nuvem de areia levada pelo vento passa arranhando o pára-brisa do carro, e o pôr-do-sol faz um belo desenho vermelho carmim em contrastes na parede da cordilheira. Estaciono o carro entre as compridas sombras dos cactos sagualo e ao abrir a janela até a metade, o cheiro de creosoto úmido emanado pelos arbustos que pressentiram o sinal de chuva, de repente, invade o interior do carro. Um deserto misterioso, que mesmo árido, traz memórias de chuva.

As luzes inclinadas do lusco-fusco deslumbram o senso de perspectiva da paisagem. As montanhas rochosas que estariam distantes se estendem diante do olho num instante, e tenho a ilusão de que vão desmoronar por cima da minha cabeça. Por outro lado, a





extremidade da estrada que continua infinitamente reta desaparece além do horizonte, e a paisagem em volta não apresenta uma mudança sequer mesmo percorrendo quilômetros. Logo, além da escura sombra de sagualos que levanta o seu corpo da terra de areia como baleias gigantes que pulam do mar, e entre a escuridão laranja do crepúsculo, vê-se as luzes da cidade de Tucson... Entramos no território do Calexico.

...

"Fazer um comentário" sobre o álbum do Calexico seria um modo muito distante da maneira que a própria música do Calexico se apresenta. Se a música do Calexico tem um caráter bem improvisador, seriam necessários um ritmo e vibrações de palavras que consoassem com a sua música. Então, aqui o meu propósito é de escrever Calexicamente, ou seja, tento narrar sobre a música, o instrumento, o estilo de sensibilidade, Arizona e a fronteira de um modo incidental, anedótico, fragmentado, eclético e minimalista. O que me atrai fortemente é mais do que a música do Calexico em si, mas uma metodologia de senso que o Calexico tenta apresentar através do ato de fazer sons (soundmaking). Quero me aproximar através de palavras do ponto que eles tentam alcançar através de sons.

...

Devo começar escrevendo sobre a cidade de Tucson, onde os dois membros do Calexico, Joey Burns e John Convertino, habitam, e sobre o seu ambiente único no arredor. Vim pela primeira vez a esta região após ter viajado por vários dias pelo deserto de Chihuahua e pelo deserto de Sonora no Norte de México. Entrei no Estado do Novo México atravessando a fronteira em Juárez - El Paso, e peguei a longa estrada fronteira Interstate 10 em direção ao oeste rumo ao Arizona. Este trecho é uma parte dos 50 mil quilômetros da "Pan American Highway" que liga o Alasca até o extremo Sul do Chile, e





esta região do Novo México/Arizona é uma região de cultura híbrida sendo um ponto de interseção entre o mundo dos povos indígenas do continente americano, o mundo latino e o mundo inglês. A forte tensão do Pan American Highway puxa a minha imaginação para o sul e para o norte e me seduz a uma parada incidental. Não resisti a tentação e me desviei para o sul na cidade de Deming no Novo México, entrando numa estrada de terra. Dirigindo por meia hora entre as poeiras do deserto, chego a uma pequena cidade da fronteira. A cidade se chama Colombus do lado norte-americano e Palomas do lado mexicano. Uma cidade típica da fronteira com uma congérie de pessoas e objetos esquecidos.

Não é raro achar o nome do descobridor do Continente Americano, Colombo, como nome de lugares neste vasto continente, mas não sabia que uma das cidades da fronteira entre os Estados Unidos e o México tinha este nome. Com enorme rancho e apenas uma dezena de casas é uma cidade solitária sem que haja uma sombra de figura humana. Colombo acreditava até a sua morte que o continente que ele descobrira fazia parte da Ásia. O nome índio dado aos povos indígenas, é um exemplo desse engano de Colombo que se perpetua até os dias de hoje. Mas teria ele imaginado que o seu nome seria guardado para sempre numa cidade de fronteira como uma ruína?

Estaciono o carro ao lado do simples posto de controle da fronteira e, quase sem nenhuma verificação, atravesso a pé para o lado mexicano. Palomas era bem diferente de Colombus, com lojas e restaurantes e pessoas se reunindo na praça fazendo um típico calor humano do México. Beliscando o prato simples desta região: omelete picante com ovos, carne enlatada e pimenta, mato a minha sede com cerveja bem gelada. É um momento extremamente prazeroso que cai sobre o tapete do cotidiano. Quando estava quase entrando no sonho, de repente, o som seco do sino da igreja em frente à praça





soou alto nos arredores ("Woven Birds"). Graças aos missionários espanhóis, mesmo em pequenos vilarejos, existe pelo menos uma igreja bem construída. O seu interior tem um ar refrescante, com leve perfume de incenso, e as imagens de anjos e de Guadalupe no altar têm um rosto mestiço com pele escura. Compro uns pratos de barro rústico de uma senhora mestiça com traços indígenas que os vendia na rua e, novamente, volto para o lado Norte Americano. Por ser uma curta estadia de cerca de 2 horas no lado Mexicano, o inspetor ainda lembrava do meu rosto e quase não há burocracias para reentrar a fronteira. Um passeio atravessando a fronteira. Esta sensação de uma pequena aventura, é extremamente encantadora.

De Columbus, sigo a estrada do deserto para o Oeste. Mais uma hora e meia estarei na fronteira estadual do Arizona. A poeira de areia levantada pelas rodas é levada pelo vento e forma um pequeno redemoinho. Há áreas com irrigação nesta região de deserto e podemos encontrar verdes lavouras de pimentas. Vários tipos de pimentas chili, verdes, vermelhas, amarelas, curtas, compridas, redondas... As pimentas que dão aquele sabor ardente às cozinhas de Southwest são colhidas cuidadosamente pelos trabalhadores migrantes mexicanos em lavouras como essas no meio do deserto. Caminhões trazem trabalhadores mexicanos de pele escura e novamente os levam de volta. Assim, com eles as pimentas são transportadas, com eles a memória em espanhol ("Pepita" "Guero Canelo") é transplantada, e com eles o som de mariachi é trazido para o Southwest...

Entrando no Arizona, a aparência do deserto muda completamente. Aparecem relevos no até então plano e monótono deserto, nota-se mais crescimentos espontâneos de cactos e arbustos, e, com mais atenção, podemos encontrar animais e aves que parasitam os benefícios desses vegetais. Mesmo sendo chamado de "Deserto de Sonora", este deserto tem uma breve época de chuva, e é uma área que apresenta mais variedades de vegetais





e animais do mundo. Neste dia, a região Sul do Arizona sofreu uma forte chuva repentina trazida pela "monção": vento úmido que sopra da baía da Califórnia. Entrei na cidade de Tucson e me surpreendi pela paisagem que transformou as ruas em rios de águas barrentas. O rio habitualmente seco se alagou, terrenos baixos se encheram de água, e os carros ficaram presos sem conseguirem achar um caminho. A chuva repentina transformou num instante o oásis do deserto numa vítima de inundações. Em momentos como esses, o viajante observa um dos aspectos do severo meio ambiente da região e compreende profundamente a dinâmica abundante da água.

...

Tenho a convicção de que os elementos de improvisação e coincidência das vozes e músicas de Calexico emitidas de Tucson se devem em boa parte a esta natureza de característica instável e espontânea da terra do Arizona. Este é um raro exemplo em que o ato de se produzir sons é feito de um jeito tão natural, transparente e simples. Aqui, não existe nem um pingo de egoísmo arrogante do artista. Nem há intenção arbitrária de se dominar ou controlar a música e o instrumento. O que existe é apenas o sentimento modesto, sincero e até estóico de se libertar os sons neste ar límpido do Arizona, e de deixá-los soar levemente acerca desta magnífica paisagem.

Dali, nasce o ato de se fazer sons incidentalmente, característico de Calexico. Não existe expressão mais adequada do que "música incidental" que demonstre a natureza da música deles. Uma pequena peça fragmentária de violão, de apenas 20 segundos, que lembra um arco-íris que aparece de repente no céu do deserto e desaparece logo em seguida ("stucco"). Ou, uma discreta interpretação improvisada num piano desafinado, que parece ser tocada dentro da luz divina da manhã de ressaca, num canto de um bar no fim da cidade ("The Book And The Canal"). Eles são suavemente soltos no ar como sons





casuais sem agressividade arbitrária, e com isso conseguem sincronizar-se profundamente com a respiração do deserto em si. Esses sons conseguem se interligar modestamente e elegantemente à respiração dos cactos sagualo que parecem um bocejo com braços estendidos e ao rápido movimento de lince que vaga entre as rochas de arbustos. Os sons feitos por Calexico conseguem adicionar sem intenção, uma harmonia à intensa vibração das cascas arrastadas pela cascavel que perambula entre os escombros do rio seco.

Não deve estar errado substituir esses incidentalismos e improvisações pela palavra minimalista. A repetição mecânica e notas mínimas em geral definem o minimal music no mundo da música, mas aqui esta definição não tem muita importância. O significado original de minimalismo é a arte de abrir as janelas livres que nos leva à grandeza do mundo, numa parede feita com o mínimo de matérias. Por exemplo, o haikai consegue criar um mundo de tamanho universal com apenas 17 sílabas. Ou o jabisen, de Okinawa/Amami, que ecoando as vibrações trêmulas de apenas 3 cordas no corpo revestido de pele de cobra sincroniza o seu som às pulsações maternas do mar. Isso tudo são tipos de arte minimalista, que por serem feitos apenas com o mínimo de materiais, conseguem adquirir uma expansão infinita. Hoje em dia, a música popular midiaticizada que se tornou uma música de consumo por massa, às vezes busca uma música de raiz extremamente minimalista. E uma das razões por essa busca é o ato de sincera procura para resgatar a riqueza de criação realizada por esses materiais mínimos.

A música de Calexico retorna à paisagem primordial de banjo, bandolim e acordeão para escavar a "raiz" minimalista dos instrumentos. Resgatando do fundo da memória o fato de que os instrumentos musicais eram extensões do órgão humano, vasos do ar e do vento, e arcos e cordas flexíveis como músculos. E adiciona-se ali uma "voz" como um vento de tempestade de areia ("Not even Stevie Nicks"). Puro e rústico, mas gentil. Árido, mas ao





mesmo tempo com aquele cheiro agradável de creosoto que lembra a chuva. Camadas de sons minimalistas e ecléticos são empilhadas, e assim como os relevos complexos do deserto estimularam o habitat dos variados animais e vegetais, os ricos sons tecem o carpete resplandecente com desenho misterioso de kokopelli (um espírito que toca flauta, que aparece nos desenhos rupestres dos índios), cantando melancolicamente que o mundo naufraga e se deposita em algum lugar... ("Quattro").

Sim, o deserto e Calexico são seres simples e puros feitos apenas com materiais mínimos. Clima e música local de um lugar longe do centro do mundo com tempestades de absurdas guerras, vinganças e competições econômicas. Nem mesmo a ardência arrepiante de chili consegue abalar a fortaleza da civilização... Pode ser. Mas seria isso verdade? O mundo naufraga, se deposita em algum lugar e, numa terra de caráter primordial, revela o detalhe que não poderia ser visto quando estava no centro. No fim do mundo abandonado, todos os fios que tecem o tecido do mundo aparecem detalhados como desenhos de franjas. É bem possível que isto aconteça. O oásis que flutua solitário no infinito deserto de Arizona traz para mim este pensamento excêntrico.

...

Por isso, vamos dizer que no deserto de Arizona existem todos os elementos do mundo. O arquiteto Frank Lloyd Wright tinha o seu escritório num deserto entre os matos de cactos no subúrbio de Fenix e buscou a possibilidade do espaço habitacional criado a partir da respiração direta da terra pelo espírito humano. E o seu discípulo, o arquiteto italiano Paolo Soleri, buscou o sonho da arquitetura ecológica e construiu a cidade experimental Arcosanti como uma miragem no deserto. O artista dadá/surrealista Max Ernst foi possuído pelo boneco kachina, que é a imagem divina dos tribos Zuni e Hopi, mudando-se de Paris para o Arizona e mergulhou profundamente no mundo espiritual do povo





indígena. No deserto vizinho do Novo México, artista de visão ilusionária como Georgia O'Keeffe se mudou de Nova Iorque e, até os seus 100 anos, continuou desenhando sobre a tela o terror pela força esmagadora da natureza. Filho de mineiro inglês, o escritor D. H. Lawrence, fugindo da prisão do modernismo europeu, perambulou pelos desertos de Southwest e Oaxaca do México, descreveu o desejo pela união total entre homem e mulher dentro da paisagem do deserto mexicano na obra-prima "A Serpente Emplumada" e finalmente foi sepultado no deserto do subúrbio de Taos...

Ao retirar-se das abundâncias da cultura materialista cheia de futilidades, levando calmamente uma vida feita apenas de materiais mínimos numa terra constituída por elementos mínimos, o "mundo" nos aproxima sem que precisemos buscar por ele. Não é preciso cansar de andar por Paris, Nova Iorque ou Los Angeles, nem se asfixiar dentro da cerca de comunicação em massa perseguida pela obsessão por novas informações. Esperando o sinal do mundo chegar, como um índio Papago espera o sinal de chuva trazido pelas monções formadas pelos vapores do Mar de Cortés, ouço atentamente a sinfonia dos cactos e do vento, me emociono com o uivo do motor do carro que percorre a estrada e me fascino pela visão divina trazida pela planta natural que evoca alucinações. Calexico me ensina ternamente que essas condutas são muito mais despertadoras do que gritar arrogantemente e imperiosamente pela guerra. É um sucesso tão milagroso quanto a chuva no deserto.

---

---

O site oficial do Calexico pode ser acessado em: [www.casadecalexico.com](http://www.casadecalexico.com)

---





---

Músicas do Caléxico

*"Stray" - 2 de junho de 2001 - The Casbah, San Diego, CA*

*(gravada por Jim Blackwood)*

[Acesso com Internet rápida](#) - [Acesso discado lento](#) - [Download do arquivo](#)

*"Ojitos Traidores" - 4 de maio de 2002 - Bluebird Theatre, Denver, CO*

*(gravada por Jim Blackwood)*

[Acesso com Internet rápida](#) - [Acesso discado lento](#) - [Download do arquivo](#)

*"Cascabel" - 5 de maio de 2002 - KGNU, Boulder, CO*

*(gravada por George Figgs @ KGNU)*

[Acesso com Internet rápida](#) - [Acesso discado lento](#) - [Download do arquivo](#)

*"The Black Light" - 10 de junho de 2002 - 'SPOKE' (Joey e John) Solar Culture, Tucson, AZ*

*(gravada por Jim Blackwood)*

[Acesso com Internet rápida](#) - [Acesso discado lento](#) - [Download do arquivo](#)

*"Across The Wire" - 5 de outubro de 2002 - Solar Culture, Tucson, AZ (private party)*

*(gravada por Jim Blackwood) [Joey e John com Jaime Valencia]*

[Acesso com Internet rápida](#) - [Acesso discado lento](#) - [Download do arquivo](#)





(1) O termo propaganda, tal como o concebemos hoje, foi criado em 1597 pelo papa Clemente VII, que fundou a Congregação da Propaganda com o objetivo de propagandear a fé católica pelo mundo. Enquanto a palavra publicidade refere-se ao ato de tornar público ou vulgarizar determinado fato ou idéia, o termo propaganda tem por fim a propagação de princípio ou ideais.

(2) "De qualquer modo, se é verdade que no domínio produtivo o capital penetra e mobiliza a subjetividade em escala crescente, e nesse sentido ele é invasivo numa medida jamais vista anteriormente, é preciso reconhecer, em contrapartida que essa subjetividade e mobilizada funcione em rede, coletivamente, numa sinergia produtiva... Mas é preciso insistir: a subjetividade não é algo abstrato, trata-se da vida, mais precisamente, das formas de vida, das maneiras de sentir, de amar, de perceber, de imaginar, de sonhar, de fazer, mas também de habitar, de vestir-se, de se embelezar, de fruir, etc. Se é um fato que a produção de subjetividade está no cerne do trabalho contemporâneo, é a vida que aí está em jogo. O trabalho precisa da vida como nunca, e seu produto afeta a vida numa escala sem precedentes." (PELBART. 2000:37)

(3) "Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo." (HARAWAY. 2000:40)

(4) Em relação a geração da subjetividade e a sociedade do controle, buscamos em Hardt a seguinte observação: "O fim do fora, ou a ausência gradual de distinção entre dentro e fora, na passagem da sociedade disciplinar para a sociedade do controle, tem importantes implicações para a forma da produção social da subjetividade. Uma das teses centrais mais comuns nas análises institucionais de Deleuze e Guattari, Foucault, Althusser e outros, é que a subjetividade não é originária, dada a priori, mas se forma pelo menos até certo ponto, no campo das forças sociais. As subjetividades que interagem no plano social são substancialmente criadas pela sociedade. Nesse sentido, tais análises institucionais gradativamente esvaziaram de seu conteúdo qualquer noção de subjetividade pré-social para enraizar firmemente a produção da subjetividade no funcionamento das principais instituições sociais, tais como a prisão, a família, a fábrica e a escola." (HARDT.2000.367-368)

